



PESCARIA COM COVO PARA PEIXES: CONHECIMENTO TRADICIONAL DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE BRASÍLIA TEIMOSA, RECIFE - PE.

D.M. Vieira: ¹

A.C.F.F. Souza: ¹; S.F. Teixeira: ¹

1. Universidade de Pernambuco, Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Biologia, Rua Arnóbio Marques, sn, Santo Amaro, Recife - PE. email: danimariz.pe@gmail.com

INTRODUÇÃO

A prática pesqueira artesanal é de grande importância para as populações litorâneas diante do grande número de empregos diretos e indiretos gerados no setor de captura, beneficiamento e comercialização do pescado, e à oferta de proteína nobre de origem animal (Diegues, 1995). Os pescadores artesanais por estarem em contato direto com o ambiente natural, possuem, assim, conjunto de conhecimentos sobre o meio ambiente, as condições das marés, a identificação dos pesqueiros e o manejo dos instrumentos de pesca, os quais fazem parte dos meios de produção destes pescadores (Silvano, 1997; Diegues, 2000). Esta atividade também busca manter a grande diversidade cultural, vinculada às atividades desenvolvidas pelos pequenos pescadores espalhados pelo litoral, tornando estas comunidades humanas um patrimônio cultural inestimável, muitas vezes esquecida (Diegues, 1995).

Os métodos de explorar o ambiente aquático utilizados pelos pescadores são vários, pois estes visam espécies diferentes e, conseqüentemente, utilizam tecnologias variadas, as quais são reflexos do conhecimento local sobre a heterogeneidade ambiental do meio em que vivem (Souza, 2004). O conjunto de informações sobre os peixes é o que vai determinar qual a técnica de pesca que será utilizada para a captura, a época mais apropriada, o horário correto, a maré, o período do dia, dentre outros aspectos, para que ocorra uma exploração mais eficiente destes recursos (Fernandes - Pinto; Marques, 2004). Eles empregam em suas atividades tanto instrumentos confeccionados artesanalmente a partir de matérias-primas locais, quanto, artefatos fabricados em escala industrial, tais como anzóis e redes de nylon, capturando várias espécies (Costa - Neto; Marques, 2001; Vasconcellos *et al.*, 2007).

Entre as ciências que mais têm contribuído para estudar o conhecimento dessas populações estão a etnobiologia e a etnoecologia, que estudam o conhecimento das populações humanas sobre os processos naturais, visando descobrir a lógica do conhecimento humano em relação ao mundo (Mendes, 2002). É importante expor a utilidade dos estu-

dos etnobiológicos e etnoecológicos para destacar a necessidade de combinar as modernas tecnologias e conhecimento científico com uma abordagem participativa, que envolva a comunidade local e o conhecimento ecológico tradicional, como utensílio de extrema importância para a tomada de decisões, principalmente no que se refere às questões ambientais (Mendes, 2002). Tal conhecimento, pode ser o guia de novas investigações e estudos que visem à construção de um modelo de manejo sustentável nos ecossistemas tropicais e conservação da biodiversidade, que necessariamente envolve, além de aspectos biológicos, os importantes e indissociáveis aspectos sociais e culturais (Albuquerque, 2001).

OBJETIVOS

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo obter o conhecimento tradicional dos pescadores artesanais de Brasília Teimosa, bairro da Zona Sul do Recife, com enfoque na pescaria com covo para peixes.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de Estudo

O Estado de Pernambuco possui um litoral caracterizado pela presença de estuários, manguezais e recifes costeiros, com 187 km de extensão norte - sul, abrangendo 14 municípios costeiros com 33 comunidades pesqueiras (Lessa *et al.*, 2004; Diegues, 2001).

A Comunidade de Brasília Teimosa, um exemplo de comunidade pesqueira de Pernambuco, é responsável por uma considerável fatia na economia pesqueira do estado (Ibama, 2006). Trata - se de uma península triangular de 50 ha situada na Zona sul do Recife, às margens do Oceano Atlântico (Moura, 1990), onde parte da população sobrevive da prática pesqueira.

Segundo Silva (1967), pescadores desta área realizam suas pescarias em toda a plataforma continental do estado, se

estendendo ainda para os estados vizinhos, explorando diversos recursos pesqueiros.

Metodologia

Este trabalho foi realizado no período de agosto de 2006 a maio de 2008, junto a 74 pescadores com mais de 5 anos de experiência.

As informações foram obtidas por meio de questionários semi-estruturados, adaptados ao longo do estudo (Viertler, 2006), conversas informais, registros fotográficos e gravações devidamente concedidas, visando à pesca com covos para peixes como arte de pesca. O questionário abordava os equipamentos utilizados, as espécies capturadas, locais pesqueiros, duração, sazonalidade e as melhores condições para a realização desta pescaria.

As entrevistas foram realizadas segundo o método bola-de-neve (Biernacki & Waldorf, 1981), nos pontos de desembarque pesqueiro da comunidade ou em outras situações em que o pescador se encontrava desenvolvendo outras atividades relacionadas à pesca, como a limpeza e o concerto dos apetrechos.

Os dados obtidos a partir das entrevistas foram graficados, analisados e interpretados.

RESULTADOS

As comunidades pesqueiras artesanais utilizam diversos apetrechos de captura, o que também foi observado na comunidade de Brasília Teimosa. Dentre os entrevistados, 19 pescadores (12,1%) realizam a pesca com o covos de peixe, que segundo Lessa *et al.*, (2004), no Nordeste, apenas os estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte utilizam este artefato para a pescaria de peixe. Para a sua realização o principal equipamento utilizado é o covos, que é uma armadilha de fundo semi-fixa utilizada na captura de peixes, confeccionados com madeira de mangue, na maioria dos casos, ou madeira de marmeleiro, recoberto por tela galvanizada. Armadilha utilizada no estado tem um formato retangular e possui apenas uma pequena entrada, por onde os peixes entram e não conseguem retornar (Nobrega; Lessa, 2007). Outros equipamentos também foram citados para auxiliar a sua realização, como: a saçanga, uma linha com um chumbo na ponta utilizada para identificar e escolher os fundos dos pontos de pesca; a corda de nylon, para amarrar um covos ao outro; a garatêa, um ferro com 3 garras amarrado em um corda utilizado para capturar os covos que estão afundados; e, as bóias ou boião, usados para demarcar os locais onde os covos são deixados.

Dentre os peixes capturados, saramunete (12,6%), biquara (10,6%), ariocó (8,6%), sapuruna (7,9%), piraúna (7,9%), budião (7,3%), xira (5,3%), morêa (5,3%), mariquita (4,6%) foram as espécies mais citadas, semelhante ao que foi observado por Lessa *et al.*, (2004) nos desembarques pesqueiros da Zona Econômica Exclusiva do Nordeste (ZEE/SCORE - NE), para o estado de Pernambuco, entre 1991 e 2001.

Todos os pescadores relataram que após a captura eles colocam o peixe no gelo para conservar, e estes são trazidos do mar e comercializados com as vísceras, principalmente, por causa do pequeno tamanho dos peixes (“A gente não abre os

peixes não, por que os peixes que pega é pequeno.” Pescador com 51 anos de experiência).

Quanto à duração deste tipo de pescaria, foram levados em consideração o tempo dos covos no mar pescando, e o tempo em que os pescadores ficaram embarcados. O tempo médio de duração do covos no mar foi de 2,25 dias, ocorrendo a despesca e recolocação dos covos no mar. Estas armadilhas permanecem constantemente no mar, apenas retornando à terra para fazer algum reparo quando estão danificadas ou para o seu descarte. Dos pescadores entrevistados, 60,0% fazem viagens diárias de ida e vinda, deixando o covos no mar, e voltando ao local, para reaver os covos, depois de 1 a 2 dias. Entretanto, outros pescadores (40,0%) afirmaram que preferem passar de 2 até 7 dias no mar. Neste período, as despescas do covos ocorrem em um período médio de 1 dia.

A área de atuação dos pescadores da comunidade se dá por todo o estado, estendendo-se também para os estados vizinhos (Silva, 1970; Lessa *et al.*, 004), o que também foi observado para a pescaria com covos para peixe. Os municípios do estado mais citados foram Recife (22,4%), Olinda (17,6%), Cabo de Santo Agostinho (9,4%), Paulista (8,2%), Jaboatão dos Guararapes e Itamaracá (7,1% cada), mostrando, assim, uma incidência maior nos municípios da região metropolitana do Recife. Fato esse observado em decorrência da proximidade da residência destes pescadores, tendo em vista o alto custo para manter o barco em atividade.

Quanto aos locais de pesca (“pesqueiros”) citados os mesmos são separados. Umaseo as do que fazem referência as características da plataforma continental (sedimento e relevo), e a outra são pontuais e nominadas levando em consideração outras informações, como por exemplo Canal de Chico de Belo, referente a pessoa que o descobriu. Os pesqueiros citados foram o Fundão (18,2%), o Rasinho (18,2%), o Raso (18,2%), a Berada do Rasinho (9,1%), o Buraco do Rasinho (9,1%), o Fundo (9,1%), o Mar de Dentro (9,1%), remetendo as peculiaridades da plataforma, e Pirapama (9,1%), referente ao nome de uma embarcação afundada no local. Esta percepção das características do fundo do local de pesca para restringir o “pesqueiro” também foi observado por Costa - Neto e Marques (2001) e Mendes (2002) em duas comunidade diferentes na Bahia.

A lua foi um fator importante citado como influenciando as pescarias da comunidade. De acordo com os pescadores, o ciclo lunar foi dividido em dois. O primeiro, “noite de lua” ou “noite de claro”, corresponde à noite de lua cheia, e o segundo “noite de escuro” ou “nos escuros”, corresponde ao período em que não há lua totalmente cheia no céu, englobando as outras três fases da lua, semelhante ao que também foi observado por Costa - Neto e Marques (2001). Para a pescaria com covos, 63,6% dos entrevistados disseram que a lua não interferia nesta pescaria, seguida por 27,3% que afirmava que o melhor período era a “noite de escuro”, e 9,1% citaram que era a “noite de claro” (“Nem a lua nem a maré influencia, porque é uma pescaria boa, e não tem tempo ruim para ela.” Pescador com 25 anos de experiência).

Quanto ao melhor período do ano para a prática desta pescaria, os pescadores indicaram o verão (que é o período do ano onde ocorre uma menor incidência de chuvas), visto

que durante o inverno o mar fica mais agitado, balançando o covão e dificultando a entrada do peixe (“O verão é melhor, a gente pega uns 100 a 150 kg por saída, já no inverno pega só uns 50 kg de peixe por saída.” Pescador com, 20 anos de experiência.)

CONCLUSÃO

A pescaria com covão de peixe na comunidade pesqueira de Brasília Teimosa é de significativa importância para a comunidade. Saramunete, biquara e ariocó foram os peixes mais citados para este apetrecho, sendo estes comercializados com as vísceras. O tempo médio de duração do covão no mar foi de 2,25 dias. Muitos dos pescadores fazem viagens de um dia, despescando os covões e deixando - os no mar 1 a 2 dias, quando voltam para reavê - los. A área de realização deste tipo de pesca se deu por todo o litoral pernambucano, com incidência maior na Região Metropolitana do Recife, sendo o Fundão o local mais citado. A lua foi um fator ambiental que não teria tanta influência nesta pescaria, e o verão é a melhor época do ano.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, U. P. 2001.** *Uso, manejo e conservação de florestas tropicais numa perspectiva etnobotânica: o caso da caatinga no estado de Pernambuco.* Recife, PE, Brasil. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.
- Araújo, T. C. M.; Seoane, J. C. S.; Coutinho, P. N. 2004.** Geomorfologia da plataforma continental de Pernambuco. IN: Eskinazi - Leça E. ; Neumann - Leitão S.; Costa M. F. (Org.) *Oceanografia um cenário tropical.* Recife: Bagaço.
- Biernarcki P.; Waldorf D. 1981.** Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods and Research*, 10:141 - 163.
- Costa - Neto, E. M.; Marques, J. G. W. 2001.** Atividades de pesca desenvolvidas por pescadores da comunidade de Siribinha, Município de Conde, Bahia: Uma abordagem etnoecológica. *SITIENTBUS - Série Ciências Biológicas*, v.1; n.1, p. 71 - 78, maio.
- Diegues, A. C. S. 2001.** *Ecologia Humana e Planejamento Costeiro.* 2. ed. São Paulo, SP. NAPAUB - USP.
- Diegues, A. C. S. 1995.** *O Mito Moderno da Natureza Intocada.* Núcleo de apoio a pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras. São Paulo: NUPAUB/USP.
- Diegues, A. C. S. 1995.** *Povos e mares: Leituras em Sócio - Antropologia Marítima.* São Paulo: NAPAUB - USP.
- Fernades - Pinto, E.; Marques, J. G. W. 2004.** Conhecimento etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba, Paraná. IN: Diegues A.C. (Org.) *Enciclopédia caiçara.* O olhar do pesquisador. Vol. 1. São Paulo: HUCITEC: NUAPUB: CEC/USP.
- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA/ Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste-CEPENE. 2006.** *Monitoramento da atividade pesqueira no litoral do Brasil.* Relatório Técnico Final. Brasília.
- Lessa, R. P.; Bezerra Jr., J. L.; Nóbrega, M. F. 2004.** *Dinâmica das frotas pesqueiras de Região Nordeste do Brasil.* Análise das principais pescarias. Vol. 1. Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva-REVIZEE. Sub - Comitê Regional Nordeste-SCORE - NE. Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 130p.
- Mendes L. P. 2002.** *Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da Vila de Garapuí/BA.* Salvador, BA. Monografia de graduação, Universidade Federal da Bahia.
- Moura, A. S. S. 1990.** *Terra do Mangue: Invasões Urbanas no Recife.* Recife: Massangana, 161 p.
- Nobrega, M. F.; Lessa, R. P. 2007.** Descrição e composição das capturas da frota pesqueira artesanal da região Nordeste do Brasil. *Arquivos de Ciências do Mar*, Fortaleza, 40(2): 64-74.
- Silva, O. C. 1967.** Estudos das pescarias dos botes a vela da praia do Pina (Recife, Brasil). *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, v.9, n.11, p. 305 - 316.
- Silvano, R. A. M. 1997.** *Ecologia de Três Comunidades de Pescadores do Rio Piracicaba (SP).* Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia. Campinas, SP.
- Souza, M. F. 2004.** *Etnoconhecimento caiçara e uso dos recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira.* Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Piracicaba-SP.
- Vasconcellos M.; Diegues, A. C.; Sales, R. R. 2007.** Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira. In: COSTA A.L. (Org.) *Nas redes da pesca artesanal.* Brasília: PNUD/IBAMA, p. 15 - 83.
- Viertler, R. B. 2006.** Contribuições da antropologia para a pesquisa em etnobiologia. In Kubo, R. R. et al., (eds.), *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia.* Volume 3. 21. ed. Recife, Pernambuco, Brasil. NUPEEA, SBEE, p. 284.